

Educação adventista e educação popular: diálogos possíveis entre Ellen White e Paulo Freire

Ivan Bueno¹
Valéria Oliveira de Vasconcelos²

Resumo: Ellen White e Paulo Freire viveram em períodos diferentes da história com realidades e contextos territoriais, sociais e culturais distintos. Porém, possuíam visão educacional vanguardista semelhante, imersos em seu contexto imediato, mas com a forte tendência a se reinventar/reorganizar sempre no futuro. Diante disso a pergunta que nos fizemos foi: quais os pontos em comum entre a Educação Popular de Paulo Freire e os escritos sobre educação de Ellen White? Este artigo se propõe a compreender brevemente a maneira como esses dois autores entendem/enxergam/concebem o processo educacional tendo em vista a figura do/a aluno/a, do/a professor/a, da escola e o método, ao passo que propõe também ressaltar a relevância da obra da autora e do autor para a pedagogia atual e para as ciências da religião.

Palavras-chave: Paulo Freire; Ellen White; educação popular; educação adventista; ciências da religião

Adventist Education and Popular Education: possible conversations between Ellen White and Paulo Freire

Abstract: Ellen White and Paulo Freire lived in different periods of history with different socio-cultural realities, but had similar *avant-garde* educational views, immersed in their immediate context, but with a strong tendency to always reinvent and reorganize their thoughts in the future. Therefore,

¹ Mestre em Educação pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal).

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente do Programa de Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano São Paulo (Unisal). E-mail: valvasc2003@yahoo.com.br

the question that emerges: what similarities are there between Paulo Freire's Popular Education and Ellen White's writings on education? This article aims to understand a little of how these two authors perceive, observe and understand the educational process, considering the student, the teacher, the school and the methodology. In addition, this study also seeks to promote the relevance of the work of these authors for education in the present.

Key Words: Paulo Freire; Ellen White; popular education; adventist education; religion sciences

Este artigo traz alguns resultados de uma pesquisa de Mestrado em Educação Sociocomunitária, realizada no Centro Salesiano de São Paulo (UNISAL – Campus Americana/SP), cujos objetivos foram: a) sintetizar as concepções de Ellen G. White³ e de Paulo Freire⁴, tendo em vista elementos básicos da vivência pedagógica, tais como: o/a aluno/a, a escola, o/a professor/a, a metodologia e a avaliação; e, b) estabelecer relações possíveis entre a obra de Freire e a obra de White, respeitando as peculiaridades de cada autor/a e sua maneira de enxergar o mundo, diante dos contextos histórico/social/cultural em que viveram.

Nesta pesquisa bibliográfica, a partir dos dados levantados, foram levados em consideração os aspectos principais da obra desses dois autores culminando em uma comparação entre as ideias de Ellen White sobre educação e o pensamento de Paulo Freire, tendo em vista as relações sociais estabelecidas entre aluno/a e professor/a, aluno/a e escola, aluno/a e comunidade, entre outros encontros que permeiam o processo educacional na concepção dos dois autores.

Essa análise foi obtida a partir do diálogo possível de suas ideias e concepções, uma vez que há pontos em comum na maneira como enxergam a escola, o/a aluno/a, os processos sociais envolvidos no processo educacional, além da visão espiritual que ambos têm em relação ao papel da educação.

Buscamos estabelecer as relações entre o pensamento dos dois autores quando tratam das práticas pedagógicas que levam o/a aluno/a à autonomia e à emancipação, quando projetam o/a aluno/a como ser pensante e agente no processo de ensino/aprendizagem, quando pensam o projeto educacional através do diálogo entre os envolvidos e quando pensam a educação como forma de libertação do ser humano.

Relacionamos também suas reflexões quando tratam a educação de maneira democrática e libertadora, quando permitem a valorização do ser de maneira integral e totalizadora (corpo, intelecto e espírito), quando dizem não à educação bancária e seu modo de colocar o/a aluno/a na condição

³ Segundo Renato Gross (2012), Ellen G. White está entre os autores norte-americanos mais traduzidos de todos os tempos, sendo que é a autora feminina mais traduzida no mundo, com obras disponíveis em mais de cento e cinquenta idiomas.

⁴ Segundo Vasconcelos e Brandão (2018) Paulo Freire é reconhecido internacionalmente como um dos educadores mais importantes do século 20, sendo que sua Pedagogia do Oprimido está entre os três livros mais citados nas Ciências Sociais e entre os 100 livros mais pedidos e consultados em universidades de língua inglesa pelo mundo, segundo um levantamento realizado a partir do Google Scholar por Elliot Green da London School of Economics.

de mero/a receptor/a de conhecimento e conteúdo, quando através da educação promovem a libertação do sujeito.

Sendo assim, abordamos alguns aspectos das práticas didático-pedagógicas e o modo como entendem o processo educacional, tendo por base os possíveis diálogos, uma vez que foi dada, intencionalmente, ênfase maior às conversas e diálogos que às tensões e controvérsias que poderão existir.

O/A aluno/a na concepção de Ellen White

Ellen White em seus vários textos dedicados à educação se expressa de forma a buscar a formação integral do/a aluno/a, em suas dimensões físicas, mentais, intelectuais e espirituais. Mostrou-se ao longo do tempo preocupada em transmitir a ideia de que, caso o/a aluno/a esteja bem fisicamente, outras funções de sua existência se beneficiarão desse fator positivo.

Sobre isso, enfatizou que:

Desde que o espírito e a alma encontrem expressão mediante o corpo, tanto o vigor mental como o espiritual, dependem em grande parte da força e atividades físicas. O que quer que promova a saúde física, promoverá o desenvolvimento de um espírito robusto e um caráter bem equilibrado. Sem saúde ninguém pode compreender distintamente suas obrigações, ou completamente cumpri-las para consigo mesmo, seus semelhantes ou seu Criador. Portanto, a saúde deve ser tão fielmente conservada como o caráter (WHITE, 1968, p. 195).

Buscava, neste contexto, incentivar os/as alunos/as a aprender sobre as relações existentes entre o corpo e a mente. Em sua concepção, se o corpo estivesse saudável, a mente também o estaria. A mente de cada aluno/a deveria ser educada de modo a permitir que desenvolva hábitos de vida saudáveis, possibilitando essas conexões positivas entre seu corpo e sua mente.

Porém, White faz um alerta, dizendo que,

Tudo quanto prejudica a saúde, não somente diminui o vigor físico, como tende a enfraquecer as faculdades mentais e morais. [...] O corpo deve ser posto em sujeição às faculdades mais altas do ser. As paixões devem ser confrontadas pela vontade que, por sua vez, deve ela mesma estar sob o controle de Deus (WHITE, 2001, p. 406).

A autora parte então do pressuposto de que, tendo em mente não somente a manutenção de um corpo físico saudável, cada aluno/a buscará através do uso inteligente da vontade estabelecer para si mesmo/a hábitos elevados de conduta, promovendo e conservando virtudes que permitirão a construção e manutenção de um caráter semelhante ao do seu Criador. A partir dessa educação da mente, com o cultivo de bons hábitos e virtudes, o/a aluno/a, portador/a desses valores, deverá buscar, além do imediatismo humano, estabelecer conexões com outros valores eternos. "Pense e diga cada aluno: Eu estudo e trabalho para a eternidade" (WHITE, 1996, p. 229).

Sendo assim, todo o processo educacional deverá ser elaborado de modo a permitir que o/a aluno/a desenvolva essas reflexões, pautadas não somente no momento presente, mas em valores eternos. Os conhecimentos produzidos e adquiridos pelos alunos/as, também levarão em conta esses parâmetros da eternidade. Reforçando essa ideia, White escreveu: “Fui instruída a dizer aos alunos: Elevai-vos na busca de conhecimento acima da norma estabelecida pelo mundo, segui por onde Jesus tem guiado” (WHITE, 2000, p. 402).

Dentro desta perspectiva de aprendizagem o/a aluno/a será levado a reconhecer que tudo que se aprende através das artes, da ciência, da matemática, só terá razão de ser se houver ou estiver em completa harmonia com os valores divinos presentes no ser em que se centraliza a eternidade, de acordo com sua compreensão religiosa. Para White, todo entendimento, todo saber vem através de Deus, e dele emanam todas as fontes do conhecimento.

Todo saber e desenvolvimento real tem sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual, no que quer que contemplemos, afora a mancha do pecado, revela-se este conhecimento. Qualquer que seja o ramo da investigação a que procedamos com um sincero propósito de chegar à verdade, somos postos em contato com a Inteligência invisível e poderosa que opera em tudo e através de tudo. A mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito (WHITE, 1968, p. 14).

Fazendo uso dessa sabedoria e dessa fonte de conhecimento, vindos de Deus, cada estudante deverá decidir-se por si mesmo que tipo de aluno/a será, que tipo de caráter deverá ter, quais as virtudes a serem cultivadas para aprimorar e desenvolver seu caráter e sua personalidade. Deve pensar por si próprio/a, refletindo sobre seu papel como/a aluno/a, cultivando o auto domínio, sendo perseverante, piedoso/a, fraterno/a e amoroso/a.

O/A aluno/a na concepção de Paulo Freire

Nas reflexões que Paulo Freire faz sobre o ato de estudar, muitas vezes encontramos a relação dialética entre a alegria e a seriedade ao estudar. No livro “À Sombra desta Mangueira” (FREIRE, 1995b) o autor estabelece, retomando o que já havia escrito em outras obras, algumas relações entre a alegria e a seriedade, presentes no ato de aprender e na figura do/a aluno/a, demonstrando que somente através da liberdade e da democracia, deixando de lado o autoritarismo e a licenciosidade, é que poderá haver êxito no processo de ensino/aprendizagem (FREIRE, 1995b).

Freire destaca que o/a aluno/a deve perceber que “o ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo” (FREIRE, 1991, p. 95). Ainda sobre isso, escreveu: “Saber é um processo difícil, realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil, o próprio processo de estudar se

torna bonito” (FREIRE, 1991, p. 95). Assim, Freire relaciona as dificuldades que o/a aluno/a enfrentará ao estudar, com a alegria de novas descobertas, novos saberes, novas experiências.

A curiosidade do/a aluno/a aparece na visão freireana de educação como elemento fundamental, principalmente nos relacionamentos entre professor/a e aluno/a. Desse modo, a educação baseada na pergunta aguça, estimula e reforça a curiosidade, enquanto a educação da resposta pronta não ajuda, nem estimula a curiosidade indispensável ao processo cognitivo (FREIRE, 1995).

Outro ponto importante na visão que o autor tem do/a aluno/a é que cada educando traz em si um saber, fruto das muitas vivências e experiências que acumula no meio histórico/social/cultural onde está inserido. Esses saberes, adquiridos ao longo de um processo histórico de cada indivíduo, traduzem-se também numa leitura de mundo que o/a aluno/a desenvolve ao longo do tempo. Freire salienta que: “O desrespeito à leitura de mundo do educando revela gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus conhecimentos” (FREIRE, 1997, p. 139). Daí a importância do respeito recíproco entre educador/a e educando/a, numa relação onde não há a dicotomia docente-discente, onde quem ensina aprende, e quem aprende ensina.

Nessa forma de pensar a educação, o/a educador/a, democraticamente, ajuda o/a educando/a a envolver-se em seu próprio processo de educação e estimula-o a pensar criticamente sobre si e sobre o mundo à sua volta. Como resultado desse processo, têm-se alunos/as emancipados/as, que leem o mundo e atuam para transformá-lo. Dessa maneira o/a aluno/a passa a ser crítico/a, pensante, capaz de ler e avaliar criticamente o mundo, criando e recriando sua própria história de vida, transformador/a de sua realidade, capaz de decidir e expressar-se inteligentemente dentro do contexto de suas realidades e necessidades.

É importante lembrar que tanto White quanto Freire concebem o/a aluno/a como ser pensante, capaz de fazer reflexões críticas sobre si e sobre o mundo à sua volta. White, por exemplo, condena as formas tradicionais de memorização que eram usadas nas salas de aula em sua época, alegando que essa prática comprometeria a capacidade de raciocínio dos alunos/as, enquanto Freire também denuncia o que chama de “educação bancária”; aquele tipo de ensino baseado na transferência de conteúdos por parte do/a professor/a. Ambos coincidem em suas visões de que o/a aluno/a tem que pensar por si próprio/a, ser capaz de enxergar o mundo e se ver no mundo, estabelecer conexões inteligentes e coerentes com aquilo que aprendem.

O/A professor/a na concepção de Ellen White

Em seus escritos sobre educação podemos perceber a importância que White dá à figura do/a professor/a, em suas várias maneiras de tratar o ensino e, especialmente, em relação ao/a aluno/a. Não por acaso, escreveu: “Ao professor é confiada importantíssima obra – obra para a qual ele não

deve entrar sem cuidadoso e completo preparo. Cumpre-lhe sentir a santidade de sua vocação, e a ela entregar-se com zelo e dedicação” (WHITE, 2000, p. 229). Certamente, uma obra tão importante, requer de professores/as e educadores/as atributos indispensáveis para se dedicarem a essa tarefa especial, atributos esses que White faz questão de mencionar quando diz que,

Ninguém que lida com jovens deve ser de coração duro, e sim afetuoso, terno, compassivo, cortês, cativante e sociável; deve saber, no entanto, que precisam ser feitas repreensões, sendo até mesmo necessário proferir graves censuras para eliminar algum mau procedimento (WHITE, 1996, p. 456).

Esse tipo de conduta desejado por White para o/a professor/a faz com que cada educador/a seja responsável pela formação do/a aluno/a, não só de modo teórico, mas também através de uma convivência prática, estando com o/a aluno/a e participando de experiências pedagógicas, coletivamente. Nessa perspectiva, o/a professor/a deve estabelecer laços de amizade e simpatia com o/a aluno/a, cuidando de seu bem-estar físico, mental e espiritual.

Dentre as muitas características positivas exigidas de cada professor/a para que consiga efetivamente realizar um trabalho relevante na vida do/a aluno/a, White destaca a paciência como essencial para o sucesso desejado durante o processo de ensino/aprendizagem. Sobre isso, apela ao silêncio como forma de reflexão, quando diz que:

Quando um pai ou professor se torna impaciente e está em perigo de falar imprudentemente, fique em silêncio. Há um poder maravilhoso no silêncio [...]. O professor deve esperar encontrar disposições perversas e corações rebeldes. Mas ao tratar com eles nunca deve esquecer-se que ele mesmo foi criança, necessitando de disciplina. Mesmo agora, com todas as vantagens da idade, educação e experiência, muitas vezes erra, e necessita de misericórdia e perdão. Tratando com os jovens, deve ter em vista que está a tratar com os que tem inclinação para o mal, idênticas às suas próprias. Com o aluno obtuso deve conduzir-se pacientemente, não censurando sua ignorância, mas aproveitando toda oportunidade para o animar. Com alunos sensíveis e nervosos, deve tratar muito brandamente. O senso de suas próprias imperfeições deve levá-lo constantemente a manifestar simpatia e clemência para com os que também estão lutando com dificuldades (WHITE, 1996, p. 456).

Essas declarações whiteanas sobre algumas condutas importantes para um/a professor/a que leva a sério sua maneira de tratar seus alunos/as nos indicam também que, mais do que puro conhecimento acadêmico ou científico, o/a professor/a deve conduzir seus alunos/as com amorosidade e bondade, levando-os a hábitos elevados de comportamento, principalmente através do relacionamento e das experiências que têm juntos e, por meio do exemplo positivo que o/a professor/a deve dar. Cabe ao/a professor/a preparar-se cuidadosamente também, para que seja uma luz a seus alunos/as, dentro do espaço da escola ou fora dele. Para White,

O verdadeiro professor não se contenta com pensamentos obtusos, espírito indolente ou memória inculta. Procura constantemente consecuições mais elevadas e melhores métodos. Sua

vida é de contínuo crescimento. No trabalho de um professor nestas condições, há uma frescura e poder vivificador que despertam e inspiram seus alunos (WHITE, 1968, p. 278-279).

Coincidindo com o pensamento de Freire, White coloca a ideia de que o/a professor/a deve se atualizar e se aperfeiçoar constantemente. Há uma intenção clara de White em transmitir a ideia de um/a professor/a que, não de forma neutra, estabeleça relações sociais positivas e significativas com seus alunos/as, de modo que

deve ter a simpatia e intuição que o habilitem a descobrir a causa das faltas e erros manifestos em seus discípulos. Deve ter também o tato e habilidade, a paciência e firmeza, que o habilitem a comunicar a cada qual o auxílio necessitado: ao vacilante e comodista, uma animação e assistência que sejam um estímulo ao esforço; ao desanimado, simpatia e apreciação que criem confiança e assim inspirem diligência. Os professores muitas vezes deixam de entrar suficientemente em relação social com seus alunos. Manifestam pouca simpatia e ternura, e demasiada dignidade de um juiz austero. Conquanto o professor tenha de ser firme e decidido, não deve ser opressor e ditatorial. Ser áspero e severo, ficar longe de seus discípulos, ou tratá-los indiferentemente, corresponde a fechar a passagem pela qual poderia infligir neles para o bem (WHITE, 1968, p. 280).

Diante do texto exposto acima, é importante destacarmos as coincidências nas palavras de White e Freire, quando se referem à opressão e comportamento autoritário por parte do/a professor/a. Ambos pensam que não pode haver crescimento, seja para o/a aluno/a ou para o/a professor/a, quando as relações estabelecidas por estes se baseiam na opressão.

Sendo assim, entendemos que Freire propala que o/a professor/a deve ser democrático/a, e que não apenas ensina, mas também se constitui como aprendiz, capaz de estabelecer relações dialógicas com seus/suas alunos/as. White, por sua vez, pensa em um/a professor/a mais voltado/a para o exemplo, que valoriza a coerência entre discurso e prática. Apresenta o/a professor/a como exemplo para seus alunos/as e Cristo como exemplo e modelo para os próprios professores/as. Coincidentemente também, em "Pedagogia da Autonomia", Freire enfatiza que no processo de ensino/aprendizagem deve haver a corporificação das palavras pelo exemplo.

O/A professor/a na concepção de Paulo Freire

No pensamento de Freire encontramos algumas características principais acerca do educador e sua ação em relação ao/a aluno/a. Freire vê o/a professor/a comprometido/a com sua causa, preocupado com o ser humano, inserido no contexto e realidade do/a aluno/a, em constante aperfeiçoamento, voltado à democracia e aos contextos históricos/sociais/culturais do/a aluno/a.

Acima de tudo Freire enxerga o/a educador/a como um ser político, comprometido com a sociedade. No livro "Educação e Mudança" (FREIRE, 1979) o autor fala dos compromissos do profissional com a sociedade quando diz,

Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos “ignorantes e incapazes”. Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os “perdidos”, que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno (FREIRE, 1979, p. 20-21).

Dessa forma, espera-se do/a profissional da educação que não se aliene em seu mundo, ignorando os contextos e realidades da sociedade onde está, principalmente quando tratar das questões referentes ao/a aluno/a e à escola. Inserir-se na realidade do/a educando/a é condição essencial para o/a educador/a, tomando em conta uma educação que contempla democraticamente os diversos papéis exercidos pela escola, pelo/a aluno/a e pelo/a professor/a.

Recomenda ao/à professor/a uma educação solidária, democrática, deixando de lado a prática que chamou de “educação bancária”, onde o/a professor/a, transferidor de conteúdos e conhecimentos, deposita no/a aluno/a toda uma carga de informações, sem deixar espaço para que fale do meio onde vive e troque experiências e vivências sociais. Essa concepção bancária de educação, segundo Freire, vale-se principalmente, de argumentos e técnicas de memorização, o que faz do/a aluno/a um mero receptor de conteúdos, na maioria das vezes, sem sentido e significado diante de sua realidade de vida.

Na verdade, esse modelo de educação bancária, ocorre e transforma-se com o passar do tempo, em um modo autoritário no modo como o/a professor/a conduz seus alunos/as no processo de ensino/aprendizagem. Na maneira democrática e participativa como Freire (2002) pensou a educação, no livro *Pedagogia da Autonomia*, descreve o ato de ensinar dizendo que:

- Não há docência sem discência;
- Ensinar exige rigorosidade metódica;
- Ensinar exige pesquisa;
- Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos;
- Ensinar exige criticidade;
- Ensinar exige estética e ética;
- Ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo;
- Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;
- Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural;
- Ensinar não é transferir conhecimento;
- Ensinar exige consciência do inacabamento;

- Ensinar exige o reconhecimento do ser condicionado;
- Ensinar exige respeito à autonomia do ser educado;
- Ensinar exige bom senso;
- Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores;
- Ensinar exige apreensão da realidade;
- Ensinar exige alegria e esperança;
- Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível;
- Ensinar exige curiosidade;
- Ensinar é uma especificidade humana;
- Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade;
- Ensinar exige comprometimento;
- Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;
- Ensinar exige liberdade e autoridade;
- Ensinar exige tomada consciente de decisões;
- Ensinar exige saber escutar;
- Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica;
- Ensinar exige disponibilidade para o diálogo;
- Ensinar exige querer bem aos educandos.

Entendemos então que Freire deixa bastante explícito o que se espera de um processo educacional voltado ao diálogo entre professor/aluno/escola/sociedade quando estabelece esses critérios baseados na liberdade, na autoridade e na democracia.

Comparando o pensamento de White e Freire, quando tratam da postura e prática do/a professor/a, observamos que ambos exploram a questão do diálogo e do exemplo. Sobre o diálogo no processo de ensino/aprendizagem ambos acreditam que o/a professor/a tanto ensina quanto aprende ao ensinar na troca de experiência e saberes com os alunos/as. Em relação ao exemplo, também estabelecem que a palavra dita pelo/a professor/a desacompanhada da prática se torna incoerente e vazia. Mais do que ensinar pelas palavras o educador deve ensinar pelo exemplo.

Finalmente, White e Freire coincidem no pensar que o processo educacional deve ser estabelecido dentro de uma relação de respeito e liberdade, onde alunos/as e professores/as tenham oportunidade de crescimento e desenvolvimento.

A escola na concepção de Ellen White

Em tudo o que escreveu sobre educação Ellen White demonstrou grande preocupação com um ambiente apropriado para o aprendizado. Imersa em um espírito pragmático norte-americano, defendeu em seus escritos, ao falar de educação, que a parte teórica aprendida pelos/as alunos/as deve estar associada a atividades práticas que possam dar sentido ao que se está sendo ensinado. Sobre esse tema escreveu que: “A educação tirada principalmente dos livros conduz a uma maneira superficial de pensar. O trabalho prático provoca a observação minuciosa e pensamento independente” (WHITE, 1968, p. 220).

Seguindo nessa linha de pensamento, enfatizou o ensino prático aos/às alunos/as como forma de capacitá-los/as a tornarem-se capazes de planejar e executar tarefas, com o ânimo e a perseverança fortalecidos. Associada a essa ideia White aconselha sobre a localização do prédio escolar, quando diz que: “Na medida do possível, todas as escolas deveriam situar-se onde a vista possa repousar sobre as coisas da natureza, em vez de sobre um grupo de casas” (WHITE, 1996, p. 322), e acrescenta que: “A natureza é um mestre vivo que ensina constantemente” (WHITE, 1996, p. 322).

Nesse contato com a natureza e com a terra, White enxerga diversos benefícios, tanto para os/as professores/as, quanto para os/as alunos/as. E nesse envolvimento mútuo com a terra e a natureza, professores/as e alunos/as, poderão fazer da agricultura e de atividades manuais, um currículo enriquecedor, principalmente aos estudantes. Ainda falando sobre isso, estimula a educação industrial nas escolas, dizendo que “o ensino manual merece muito mais atenção do que tem recebido [...]. Deve-se ministrar instrução em agricultura, manufaturas... Todo jovem ao deixar a escola, deve ter adquirido conhecimento em algum ofício” (WHITE, 1968, p. 218).

Mais do que uma visão apenas tecnicista ou mecanicista de educação, White relaciona esses conceitos de ensino prático com a educação integral a que deu tanta ênfase no decorrer de toda sua obra relacionada à educação. Preocupada com os aspectos físicos e materiais da escola, escreveu que:

Na ereção dos edifícios escolares, em seu mobiliário, bem como em todo aspecto de sua direção, cumpre exercer-se a mais estrita economia. Nossas escolas não devem ser manejadas segundo qualquer plano estreito ou egoísta. Devem assemelhar-se o mais possível a um lar, e ensinarem em todos os aspectos lições corretas de simplicidade, utilidade, economia e parcimônia (WHITE, 1976, p. 194).

Dessa maneira, pensa um prédio escolar com conforto aos/às alunos/as, porém sem deixar de lado as importantes lições de economia e modéstia, sempre presentes em suas ideias. Semelhante à Freire, quando diz que pode haver aprendizado à sombra de uma árvore, ou seja, ao ar livre, White incentiva os professores/as da educação adventista a deixarem as salas de aula com seus/suas alunos/as e desfrutarem dos benefícios do convívio com a natureza. Dessa forma, White e Freire possuem similitudes nas opiniões de que, num ambiente tranquilo e rico, como o que a natureza proporciona,

por exemplo, convivências amigáveis surgirão, proporcionando o crescimento dos/as alunos/as, de modo individual e coletivo.

A escola na concepção de Paulo Freire

Em diversos momentos de sua ampla obra encontramos Freire, ora questionando, ora criticando certos aspectos e modelos da escola tradicional. Para ele, a escola deve ser um lugar diferente do modelo estabelecido historicamente pelas escolas tradicionais. Comumente encontramos Freire referindo-se às escolas como “Círculos de Cultura”. Esse lugar idealizado por ele extrapola as concepções tradicionais de “prédio escolar” e pode ser estabelecido em qualquer local.

Recordando sua infância e o modo como aconteceu boa parte de seu aprendizado e alfabetização, escreveu: “Fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 1975, p. 15). Essas lembranças da infância o fazem refletir não só sobre a forma como aprendia, mas as relações que aquilo poderia ter com o aprendizado de outros indivíduos, de outras crianças. E, descrevendo uma outra experiência que teve em São Tomé na África,, já como educador fala dos Círculos de Cultura da seguinte forma:

Visitávamos um Círculo numa pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Tinha-se como geradora a palavra bonito, nome de um peixe, e como codificação um desenho expressivo do povoado, com sua vegetação, as suas casas típicas, com barcos de pesca ao mar e um pescador com um bonito à mão. O grupo de alfabetizando olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivessem combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto atentamente. Depois dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entrelharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tomavam distância” do seu mundo e o re-conheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele para melhor conhecê-lo. No Círculo de Cultura, naquela tarde, estavam tendo uma experiência diferente: “rompiam” a sua “intimidade” estreita com Monte Mário e punham-se diante do pequeno mundo da sua cotidianidade como sujeitos observadores (FREIRE, 1995a, p. 43-44).

Essa experiência relatada por Freire nos leva a uma nova concepção de escola, pois rompe radicalmente com as ideias tradicionais que temos do prédio escolar e de como os educandos devem se comportar nesse ambiente. Os Círculos de Cultura são espaços que possibilitam o debate de ideias, a reflexão crítica do mundo, a prática dialógica, a ampliação e desenvolvimento de uma consciência crítica coletiva. Mais tarde, acrescentando à ideia dos Círculos de Cultura, Freire amplia esse novo modelo introduzindo os Centros de Cultura.

eram espaços amplos que abrigavam em si círculos de cultura, bibliotecas populares, representações teatrais, atividades recreativas e esportivas. Os Centros de Cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo (FREIRE, 1994, p. 155).

Esses lugares de aprendizado idealizados por Freire permitiam o diálogo livre, as vivências e experiências sociais democráticas, a troca de saberes e conhecimentos, as interações e produções conjuntas de conhecimento; educador e educando numa ação conjunta e livre de aprendizado.

Tanto Freire quanto White idealizam um lugar de aprendizagem fora dos parâmetros da sala de aula tradicional. White, quando pensa em um lugar de aprendizagem ligado à natureza, e Freire quando pensa em uma aula ao ar livre ou em outro lugar mais rico e dinâmico. Dentro dessa perspectiva de ambiente de aprendizado proposta por White e Freire, há um questionamento claro sobre os modelos e padrões tradicionais de sala de aula que, segundo os autores, limitam e podam a capacidade de raciocínio dos/as alunos/as.

A metodologia na concepção de Ellen White

Durante toda sua vida como escritora, Ellen White procurou colocar a Bíblia como base à frente de tudo o que falava e, principalmente, diante de tudo o que escrevia. Especificamente, falando de educação, sempre orientou professores/as e educadores/as a colocarem a Bíblia como referência para a construção moral, ética e espiritual dos/as alunos/as. Tal era a importância que White reservava à Bíblia que, para ela, “a Bíblia deve tornar-se o fundamento e o assunto da educação” (WHITE, 1996).

Através do uso da Bíblia, como ferramenta essencial, White coloca a figura de Cristo como exemplo para os professores/as, por meio dos métodos que o mestre utilizava para ensinar. Sobre isso escreveu que: “Na instrução que Cristo deu a seus discípulos e às pessoas de todas as classes que vieram ouvir Suas palavras, havia aquilo que os elevava a um alto nível de pensamento e ação” (WHITE, 1996, p. 581). Em outro momento, acrescentou que: “Os métodos do ensino de Cristo, caso sejam seguidos, darão poder e eficácia” (WHITE, 1996, p. 456). Por meio da indicação que White faz para que os/as professores/as tenham a Bíblia como referencial, apresenta-lhes também que, a trajetória de Cristo como professor e mestre, deixa grandes lições de didática, ética e pedagogia.

Em seus métodos de ensino Cristo empregava lições colhidas das coisas simples da vida, utilizava linguagem simples, valia-se das grandes lições da natureza, misturava-se às pessoas e tratava-as com amor e respeito, gerando confiança e esperança, pregava o serviço em prol do semelhante e a dedicação ao amor e à vida (WHITE, 1968). Cristo foi um educador por missão e vocação e, a Bíblia assim o revela, de modo que sua trajetória ali registrada serve até hoje como referencial e modelo, quando tratamos de ensino e aprendizado.

Outro ponto importante abordado por White ao considerar as questões metodológicas que envolvem a tarefa de ensinar é a preocupação com as questões sociais, principalmente nas relações entre os semelhantes. Preocupada com isso, escreveu que: “Todas as coisas, tanto no Céu como na Terra, declaram que a grande lei da vida é a lei do serviço em prol de outrem” (WHITE, 1968, p. 103).

Na concepção de White cada professor/a deve estar disposto a servir seus/suas alunos/as, demonstrando-lhes amor, afeto, bondade e paciência. Há também em suas reflexões sobre educação uma preocupação com uso excessivo da memória na aprendizagem, tão comum em seus dias e ainda hoje tão enraizado nas propostas pedagógicas de muitas escolas. Nesse alerta que faz sobre esse uso exagerado da memorização nos processos de ensino, disse que:

A educação que consiste no exercício da memória, com a tendência de descoroçoar o pensamento independente, tem uma influência moral que é pouco tomada em conta. Ao sacrificar o estudante a faculdade de raciocinar e julgar por si mesmo, torna-se incapaz de discernir entre a verdade e o erro, e cai fácil presa do engano. É facilmente levado a seguir a tradição e o costume (WHITE, 1968, p. 230).

Em muito do que escreveu sobre educação sempre alertou que o ensino baseado em processos exagerados de memorização fazia com que os/as alunos/as deixassem de raciocinar e discernir entre a verdade e o erro. Para ela, faz-se necessário um incentivo claro à utilização de processos mentais de raciocínio na construção do conhecimento e aprendizado do/a aluno/a.

Vale lembrar também que White, já em seu tempo, foi uma voz a clamar contra o tradicionalismo na educação. Falando sobre esse tema escreveu: “em nossa obra educativa não devemos seguir os métodos adotados em nossas escolas antigas. Há entre nós [os adventistas] muito apego a velhos costumes” (WHITE, 2000, p. 533). A citação acima nos deixa clara a impressão de que White espera que o bom/boa professor/a esteja aberto/a às novas práticas pedagógicas, novas técnicas e métodos.

Entendemos então que White, ao falar de método de ensino, propõe a Bíblia como referencial teórico e prático, tendo na figura de Cristo exemplo vivo de mestre da didática e do ensino, propõe as interações com o semelhante através de um serviço genuíno, baseado no amor e generosidade, alerta sobre os riscos dos processos de memorização em excesso nos processos de ensino, incentiva a utilização de novos métodos e técnicas e, finalmente, propõe que todo método ou técnica de ensino deve visar à construção e enobrecimento do caráter do/a aluno/a.

A metodologia na concepção de Paulo Freire

Ao analisar a compreensão que Freire tem dos processos de ensino e aprendizagem, podemos afirmar que um dos princípios metodológicos principais que ele estabelece é o diálogo. Entende o diálogo como algo que faz parte da natureza humana e das relações históricas dos seres humanos.

Sendo assim, “o diálogo é a confirmação conjunta do/a professor/a e dos/as alunos/as no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo” (FREIRE e SHOR, 1992, p. 124).

O aprendizado baseado no diálogo sugere que o/a professor/a seja consciente do que sabe e mostre competência a seus/suas alunos/as, orienta que o/a professor/a haja com responsabilidade, direcionamento, disciplina e objetivos definidos (FREIRE e SHOR, 1992) e implica também na participação democrática e livre dos/as alunos/as nas atividades e exercícios comuns.

Escrevendo sobre o amor e o diálogo, no seu livro “Pedagogia do Oprimido”, Freire acrescenta:

Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens se recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade. Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de quem a pronúncia do mundo é a tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela? Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho? A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não tem humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. Não há também diálogo, se não há uma imensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé nos homens é um dado à priori do diálogo [...] Sem esta fé nos homens o diálogo é uma farsa. Transforma-se, na melhor das hipóteses, em manipulação adocicadamente paternalista. Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo ao outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse esse clima de confiança entre seus sujeitos (FREIRE, 1987, p. 80-81).

Nota-se que Freire enfatiza o diálogo por meio do amor e da fé em que os seres humanos poderão estabelecer uma relação de confiança e humildade, relação essa capaz de permitir aos sujeitos uma leitura e releitura de mundo, criando e recriando um clima suficiente para melhores aprendizados e reflexões. Dentro dessa lógica freireana das leituras de mundos e de contextos o/a aluno/a é colocado como alguém que precisa ser interpretado a partir dessas trocas e interações, respeitando-se essas leituras e seus contextos.

Interessante também é que, para Freire, não existe a leitura da palavra sem a leitura de mundo. Necessariamente o/a aluno/a tem que compreender sua situação no mundo e transformá-lo. Isso faz do processo de ensino um momento político e crítico, no qual o/a aluno/a deixa de decorar certos assuntos e passa a compreendê-los, ampliando seu entendimento sobre certas situações e contextos, sobre seu mundo e realidade.

Em consonância com o modo de pensar de Paulo Freire, Ellen White também entende a relação entre o/a professor/a e o/a aluno/a, motivada pela fé, amor e humildade. Assim como Freire, também estabelece uma relação entre a palavra (Verbo Divino, no seu entender religioso) e a atitude do educador comprometido com seus estudantes. Atitude esta que, invariavelmente, passa pelo diálogo e pela fé de que se pode construir uma educação assim.

Contra o autoritarismo na educação, ambos estabelecem a lei do amor como sendo a máxima e fio condutor para o diálogo, o qual se torna um lugar de encontro. Assim, podemos dizer que, em relação a método Freire incentiva educadores e educandos ao diálogo, raciocínio, respeito às opiniões emitidas, e também à leitura de mundo, reflexão crítica da realidade e posicionamento ético.

Considerações finais

Neste artigo procuramos analisar, brevemente, algumas premissas do pensamento de Paulo Freire e possíveis articulações e diálogos com a obra de Ellen White, quando trata de educação e ensino. Freire imergido em um contexto histórico/geográfico do Brasil do século XX e Ellen White, nos Estados Unidos do século XIX; ambos com reflexões e ideias à frente de seu tempo, fizeram com que suas obras quebrassem a barreira de sua própria época, de modo a se tornarem universais, imortalizadas pela grandeza e importância dentro do contexto da educação e da pedagogia.

Por meio de análise de alguns de seus escritos sobre educação, traçamos aqui um perfil de como Freire e White consideram a educação em seus múltiplos aspectos, como o papel da escola, do/a aluno/a, do/a professor/a e o método a ser empregado. Observamos também alguns pontos em comum no modo como encaram o processo educacional e as propostas que têm em relação aos diversos temas envolvendo a educação, a família e a sociedade.

Em White encontramos a ideia da educação que prepara o/a aluno/a para a vida, em seus aspectos físicos, intelectuais, morais, espirituais e éticos, tendo a Bíblia como referencial teórico e guia de instrução para tornarem práticos esses conceitos. Notamos também a ênfase que dá a Natureza como espaço de aprendizagem e elo de ligação entre a obra criada e o Criador, permitindo ao ser humano a reflexão de que é um ser não apenas educável, mas capaz de quebrar barreiras e transpor limites, visando todo o período de sua existência como aprendiz. White, através de seus escritos enaltece, nessa ligação com a Natureza, os aspectos positivos do trabalho, do enobrecimento do caráter, do crescimento científico e literário. Ao tratar ela da liberdade do ser humano, através da educação e da

relação com o Criador, contribuiu para que o espaço da escola se tornasse transformador, democrático, ou seja, contrário à realidade proposta pelos opressores.

Enfim, encontramos em White uma clara preocupação em apresentar um processo educacional que prepare o/a aluno/a para a vida física, porém com ênfase na conduta moral e cristã e, como abordamos ao longo do trabalho, preparando o/a aluno/a para assimilar valores eternos, aspectos estes que o tornam semelhante a seu Criador. Há em White a intenção de apresentar a ideia de libertação do ser humano de tudo àquilo que o impede de alcançar o seu destino final, que é trazer em si a imagem restaurada de seu Autor. Nesse conceito apresenta também a ideia de educação como processo eterno, num trinômio: educação/libertação/redenção (WHITE, 1968).

Já Freire, por outro lado, apresenta suas ideias amparadas no comprometimento com a libertação popular da opressão, das injustiças sociais, dos descasos históricos das sociedades para com os oprimidos. Posiciona-se explicitamente ao lado dos “excluídos”, dos “esfarrapados do mundo”, fazendo um resgate histórico das relações entre opressor e oprimido, entre colonizador e colonizado. Solidariza-se com a causa dos menos favorecidos e dos injustiçados pela sociedade ao longo da história. Pensa em um mundo novo, baseado no amor e onde seja “menos difícil amar” (FREIRE, 1987).

Tanto Freire quanto White apresentam a ideia de mundo novo, recriando esse conceito através do amor, do diálogo. Para White esse novo mundo tem aspecto transcendental, mas Freire o vê dentro do contexto da realidade que nos cerca. Freire vê nesse novo mundo seres humanos libertados, enquanto White enxerga seres humanos redimidos. Ambos visualizam a possibilidade de mudança e transformação do ser humano, ainda que de maneiras diferentes ou motivos diferentes.

Outro aspecto importante apresentado neste trabalho é que, seja em White ou em Freire, há sempre a intenção de se estabelecer uma clara conexão entre teoria e prática. Ambos apresentam suas concepções no campo filosófico, porém, reafirmam que essas ideias desacompanhadas da prática tornam-se sem valor e eficácia em relação ao desenvolvimento do/a aluno/a ou dos processos de ensino/aprendizagem. Concordam nisso quando White afirma que não se pode separar a vida em dois períodos distintos: aprendizagem e prática (WHITE, 1968) e, Freire quando lembra que “separada da prática”, a teoria se transforma em simples verbalismo (TORRES, 1979).

Finalmente, apresentamos algumas propostas em relação a este trabalho que acreditamos serem interessantes para aqueles que desejam se aprofundar nos conhecimentos pedagógicos e em suas relações com as ciências da religião: a) que a obra de Ellen White e Paulo Freire sejam mais lidas e conhecidas, principalmente no meio acadêmico e educacional; b) que professores/as e educadores baseiem suas propostas pedagógicas nas ideias libertadoras, dialógicas e redentoras, colocando esses ideais no cotidiano de suas rotinas de trabalho; c) que, além de o/a professor/a ensinar seu estudante a ler a palavra escrita, o ensine também a ler o mundo, a interpretá-lo, a ter pensamento crítico, a ter

opinião própria, a transformar-se e ser um transformador da sociedade, a lutar por uma sociedade mais justa, democrática, livre e cristã.

Referências

- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1995a.
- FREIRE, P. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 1995b.
- FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Reflexões sobre Minha Vida e Minha Práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. SHOR, I. **Medo e Ousadia**. O cotidiano do Professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GROSS, R. **Filosofia da Educação Cristã: Uma Abordagem Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012.
- TORRES, C. A. **Diálogo com Paulo Freire**. São Paulo. Loyola, 1979.
- VASCONCELOS, V. O.; BRANDÃO, C. R. 50 anos da pedagogia do oprimido: reflexões sobre (re)existência no Brasil e na América Latina. **Revista Artes de Educar**, UERJ, 2018. No prelo.
- WHITE, E. G. **Educação**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968.
- WHITE, E. G. **Conselhos Sobre Educação**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.
- WHITE, E. G. **Fundamentos da Educação Cristã**. 2ª Ed. Tradução de Naor G. Conrado. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- WHITE, E. G. **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes**. 5ª Ed. Tradução de Isolina A. Waldvogel. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.
- WHITE, E. G. **Mente, Caráter e Personalidade**. Vol. 1. 5ª ed. Tradução de Luiz Waldvogel. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.